



O TEMPO DO ÓCIO NA FORMAÇÃO ESCOLAR: A PEDAGOGIA DO ÓCIO

Setembro/2013

Eixo temático: Políticas Públicas e Reformas Educacionais e Curriculares
Programa de Educação: Currículo – PUCSP
WOGEL, Livio dos Santos
liviwogel@hotmail.com
Comunicação Oral. Texto completo.

RESUMO

A temática deste ensaio é a apresentação da vivência do tempo do ócio como um componente na formação escolar. Parte das questões: como o ócio e a pedagogia do ócio podem contribuir para a formação humana que se desenvolve na escola formal e como a formação escolar pode contribuir para a vivência do ócio. Objetiva apresentar os parâmetros formativos da pedagogia do ócio que podem contribuir com a formação humana desenvolvida na escola. Através da reflexão filosófica, problematiza a formação escolar que não educa para a vivência do tempo do ócio e como esta situação pode ser revertida. Apresenta a pedagogia do ócio com suas duas expressões da educação do ócio e para ócio. Propõe a possibilidade de apresentar parâmetros formativos que não sejam somente os do mundo do trabalho.

Palavras-chave: Filosofia. Pedagogia. Formação Escolar. Ócio.



INTRODUÇÃO

A temática deste ensaio é a apresentação da vivência do tempo do ócio como um componente valioso na formação escolar. Parte das questões: como o ócio e a pedagogia do ócio podem contribuir para a formação humana que se desenvolve na escola e, no mesmo sentido, como a formação escolar pode contribuir para a vivência do ócio. Tem por objetivo apresentar os parâmetros formativos da Pedagogia do Ócio que podem contribuir para a formação humana desenvolvida na escola. Este texto é uma summa das bases teóricas das pesquisas: **Ócio do ofício**: contribuições da pedagogia do ócio à formação de professores, defendida em nível de mestrado em 2007, na Universidade Federal de Mato Grosso e da pesquisa em andamento, em nível de doutorado, **Ócio e filosofia**: possibilidades originárias de formação no ensino médio, com previsão de defesa em 2014, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no programa Educação: Currículo. Nesta reflexão aparecerão formulações vindas destes textos, um construído e outro, em construção.

Partilho algumas reflexões, ao modo da filosofia, ao apresentar os parâmetros formativos que sustentam a Pedagogia do Ócio. Filosofia aqui apresentada como um conhecimento que usa a problematização como forma de abordar a realidade, da reflexão com profundidade, abrangência e crítica, como método de estudo, a fim de identificar e formular teorias que possibilitem conhecer, interpretar e compreender a realidade na busca oferecer sentidos a ela. Na analogia apresentada por Rios (1994, p. 26-27), a filosofia é um farol, como um sinalizador de rumos a se tomar: “o farol tem a função de iluminar os caminhos, que podem ser múltiplos, para que nos decidamos por aquele que nos leva melhor a nosso objetivo, e até mesmo para criemos novos caminhos”. Utilizando da filosofia como conhecimento e método de reflexão sobre o tempo do ócio para encontrar rumos às práticas e finalidades pedagógicas é o que se busca neste artigo.

Com o propósito de filosofar, refletir acerca das ideias e teorias que interpretam a realidade e, além disso, contribuir para que outras ideias sejam intuídas, argumentadas e defendidas, é que lanço-me a pesquisar a relação entre o tempo do ócio e educação. Refletir sobre o tempo do ócio para a formação escolar, mesmo sendo um



tempo tão fugido e desconhecido hodiernamente, é o intuito para o qual rumará este ensaio.

A FILOSOFIA

A primeira ideia que apresento é o modo como tratarei deste tema que é a partir do olhar da filosofia. A filosofia, como forma de conhecer a realidade, busca reconhecer, refletir e formular teoricamente, os pressupostos das ideias que subsidiam os problemas da realidade, especificamente neste texto, da realidade da formação escolar. Só há filosofia quando há problemas, pois ela é amante do problema. Através da proposição de uma questão, a filosofia põe em dúvida os fundamentos intelectuais que sustentam uma interpretação da realidade e através de um processo reflexivo, consciente, crítico e conceitual, busca responder teoricamente as dúvidas formuladas.

O problema aparece como questão “cuja resposta se desconhece e se necessita de conhecer”. (SAVIANI, 2002, p. 14). Segundo Saviani, a essência de um problema é a necessidade, e não somente a formulação de uma questão, uma vez que, quem propõe o questionamento, lança-o ao perceber que não sabe e precisa/necessita ter uma resposta, até então, desconhecida. Frente a uma realidade, é o humano questionando-se acerca do sentido desta, quando as ideias apresentadas em uma dada situação histórica, não fazem sentido para ele. O ser humano lança-se a questionar tanto a realidade quanto a si mesmo ao necessitar saber a razão pela qual as respostas ora dadas não o satisfazem. Refletir é se colocar frente a frente com as situações e problematizá-las, a fim de que estas tenham sentidos em existir. A reflexão dá-se na parada, para ver com mais profundidade, para analisar os detalhes a fim de se lançar além do problema, e encontrar as soluções para resolvê-lo. Lançar-me à reflexão é o que busco neste artigo, partindo do problema porque o tempo do ócio é tão distante dos tempos escolares? E como suspeita de resposta, aponto a falta de conhecimento sobre o valor do tempo do ócio.

O tempo do ócio



Antes de abordar o tempo do ócio, há que se fazer uma reflexão sobre o que é o tempo. O tempo é constituído de momento, é um período em que se expressa e marca a existência. E para que haja a noção de tempo, é preciso que a existência seja notada. Como se perceber os momentos em que a existência se manifesta? Através do modo como identificamos o tempo. Mas de que tempo estamos falando? De um tempo cronológico, que os latinos diziam que foge, que corre, o *tempo fugit*? Do tempo cada vez mais cronometrado e controlado por tantos afazeres ao mesmo tempo? Ou do tempo da vivência, em que o tempo demora a passar ou passa ligeiro, dependendo das experiências vividas?

Para refletir acerca do tempo, utilizarei duas figuras mitológicas gregas que são símbolos da imagem do tempo. Na mitologia grega, a figura do tempo linear e sequencial, em que as horas passam impassivelmente, é representada pela divindade Cronos. O titã Cronos é filho do Céu (Urano) e da Terra (Gaia), e ele tomou o reinado do pai, separando o Céu e a Terra e reinou por um período de muita prosperidade, mas vivia temeroso de que um dos seus filhos viesse a tomar o seu trono, como ele mesmo fizera e, por isso, engolia seus filhos ao nascer. Só não conseguiu fazê-lo com seu filho mais novo, Zeus, pois foi enganado por sua esposa e irmã Reia. Zeus, posteriormente, tomou o trono do pai e fê-lo vomitar seus irmãos. Cronos é a representação do tempo tirano e voraz, aquele que devora seus filhos. Voraz em não perder tempo para que ninguém tome o seu reinado. A representação de Cronos é do tempo cronológico que pode ser cronometrado, medido, contabilizado, planejado e cobrado. É o tempo ritmado dos semestres, do calendário, do período marcado e agendado que passa mesmo contra a vontade humana.

Entretanto, este não é o tempo do ócio. O tempo do ócio não é da figura de Cronos, mas de Kairós, outro filho de Cronos. A representação mitológica de Kairós é de um jovem alado, de cabelos curtos, que tem somente uma mecha e o restante da cabeça calva. Difícil de ser agarrado, ele não se preocupa com o passar do tempo, mas somente com o presente, com um momento oportuno e uma decisão acertada. É a representação da experiência do momento certo, do instante do presente. Kairós em grego significa momento oportuno e certo. Kairós, segundo Martins (apud PONCE, 1997, p. 83) é “tempo vivido numa determinação consciente e efetiva de nossa existência. Uma consciência que é tempo e indica direção”.



O tempo do ócio não é o tempo da passagem dos momentos, mas da permanência nele, de não marcá-lo como sucessão, mas sim de experiências significativas, das vivenciais dos momentos marcantes e apropriados a se viver. É um tempo vivencial, aquele em que o instante é tão presente que se vive intensamente, orienta o futuro e revisa o passado. É o momento de agarrar a ocasião.

(...) o kairós foi assumido, desde a sua etimologia, é o elemento da inovação, do anúncio do novo, da originalidade, ruptura com velhas formas e fórmulas, ruptura com a constância, que desencadeia uma rede de alterações e que não é apreensível pelo planejamento racional. É um momento significativo de clareza e de consciência. O kairós é um momento da consciência”. (PONCE, 1997, p.87).

A importância do tempo como Kairós se dá por saber notar o tempo através das vivências e oportunidades formativas, embasada por uma consciência atenta e aberta às novidades, que aproveita os sinais dos tempos para formar-se e recriar-se.

A identificação do tempo do ócio com o Kairós é importante para entendermos o que é ócio. Para tal, recorreremos à sua etimologia. *Otium* é um vocábulo latino e que tem no termo grego *skholé*, sua sinóníma. O termo *skholé*, adaptado ao latim originou o termo *schola* e todos os termos que conhecemos por escola ou *school*, em inglês.

Os gregos antigos entendiam o *skholé* como tempo e espaço de formação. Fazia referência às atividades não utilitárias, a ocupação e o estudo com o que os cidadãos podiam enriquecer-se e desenvolver a sua mente e corpo desinteressadamente. Os gregos identificavam o ócio com a contemplação da teoria, que é o exercício da faculdade especulativa.

O ócio se concretizava na contemplação intelectual, entendida como exercício intelectual da busca da beleza, da verdade e do bem. É este o ócio que Aristóteles se refere como uma atividade humana que é meio para encontrar o fim supremo do ser humano, sua realização pessoal e a conquista da felicidade que lhe é própria enquanto ser dotado de inteligência e liberdade, para formar-se a si mesmo e conseguir sua mais alta e específica nobreza. (SEGURA MUNGUÍA Y CUENCA CABEZA, 2007, p. 23).

Estar no ócio, tanto na Grécia quanto na Roma antigas, indicavam o tempo em que o trabalho era posto à parte e a condição de poder dispor do tempo para o



autodesenvolvimento. Viver o ócio era a condição de ser livre e, sê-lo era a condição do cidadão, que não tinha o vínculo de obrigação e de necessidade para com atividades laborais. Por conta disso, poderia dispor do seu tempo para realizar atividades prazerosas, de autodesenvolvimento e da busca pela verdade, bem e beleza. Ócio, na Roma antiga, era um termo positivo, e sua negação, era daqueles que viviam o *Nec-otium*, ou seja, faziam negócio, pois negavam o ócio.

Essas referências à etimologia e às condições históricas originárias do termo ócio são ilustrativas para apresentar o valor do tempo do ócio. Tempo em que se vivencia a liberdade, a autotelia e o autodesenvolvimento. Mesmo ciente que tempos hodiernos são outros, que mudaram muitíssimo desde o tempo da Grécia e da Roma antigas e as concepções de educação e cultura alteram-se significativamente, se faz necessário abstrair dos marcos históricos, os valores apontados naquela geração e que possam valer para a geração atual. O que se propõe é retomar o ideal grego do ócio como um tempo em que as pessoas busquem atividades não funcionais e não produtivas, e sim, atividades em que se vislumbra o autodesenvolvimento, escolhidas com liberdade e que gerem prazer.

O que se entende por ócio é um modo de vivenciar o tempo livre, livremente escolhido, em que se façam atividades para o autodesenvolvimento, ou em termos filosóficos, atividades autotélicas, e que gerem satisfação pessoal.

A cultura ocidental moderna, fundada sobre os princípios e valores da ascensão econômica e política da burguesia e que tem como principais marcos, as revoluções industriais e o estabelecimento do capitalismo como sistema econômico, valorizou muito mais o tempo de trabalho e da produção do que o tempo do ócio. O ócio passou a ser um “desvalor” em oposição ao tempo do trabalho, associando o tempo do ócio ao da preguiça, da vagueza e da inatividade.

Criou-se um termo novo para o tempo do não-trabalho: o tempo livre. E o tempo livre é uma licença do trabalho, ou seja, pode ter tempo livre quem esgotou o tempo de produção. É uma recompensa por uma jornada de trabalho finalizada. Do trabalho, advém um tempo liberado da necessidade de trabalhar. A ideia de tempo livre é própria da cultura capitalista, que separa o tempo em trabalho e não-trabalho, que pode até ser vivido no lazer, próprios do tempo cronológico, em que há um tempo de produção e um tempo de desfrute. O lazer, na concepção capitalista, é o tempo de



restauração, em que o descanso e o prazer em fazer coisas mais leves possibilitam ao trabalhador voltar a trabalhar com vigor.

Não é este o tempo do ócio. O tempo do ócio não é um intervalo do trabalho, mas um tempo vivencial e escolhido como importante para viver e realizar-se. O Viver o ócio deveria fazer parte do ideal humano de vida, para que não haja realizações ligadas somente com atividades de produção. O *homo faber* é um das facetas humanas, entretanto não é a sua única identidade.

Para viver o ócio, é preciso perceber três vivências: percepção de liberdade, motivação intrínseca e autotelismo. A primeira é a vivência do tempo como livre, e não só liberado. Liberdade em escolher como viver o tempo. Ócio é tornar livre, o tempo livre.

A condição da *skholé* grega ou do *otium* latino era ser cidadão livre. Livre porque estava liberado dos condicionamentos e obrigações de ter uma função prática ou da sensação de sentir-se útil. Os cidadãos gregos, especialmente os atenienses, eram também senhores de escravos. Estes sim eram os que tinham a obrigação de produzir e, por isso, não poderia dispor livremente da própria vida, especialmente de tomar decisões. O propósito da vida do escravo era a produção, e para isso, era condicionado. Diferentemente dos cidadãos, que dispunham da vida livremente para determinar a própria existência e, assim, aptos para o ócio,

Deparar com o ideal grego de cidadania leva-nos a questionar acerca das condições existenciais da atualidade. É possível, hodiernamente, escolher ser não útil, ou melhor, não funcional? Como o ser humano pode reconhecer-se não só pela produção, mas pelo fato de ser um humano que dispõe da vida como deseja? O ideal de vida atual é do executivo, daquele que executa o trabalho, que rende e que faz sempre mais. O ócio vem de encontro com esta concepção de ser humano.

O ócio quer nos ensinar que, pela liberdade o ser humano se autodetermina, busca realizar-se não somente nos imperativos do trabalho, na obrigação de ser sempre útil e produtivo. O ser humano também se satisfaz com a disposição do seu tempo para si, para coisas que gosta de realizar, com as pessoas com quem escolhe se relacionar, com valores para viver que estejam além do trabalho. Para além da função ou utilidade, há um sentido para a vida humana que a goza com atividades livremente escolhidas.



A liberdade tem a ver com a capacidade e a conquista de poder escolher o que deseja e poder fazer escolhas que não sejam determinadas por outrem. No ócio, a pessoa pode dispor do seu tempo como bem lhe aprouver e, assim, deseja viver este tempo.

A busca pela liberdade tem como meta a autonomia. Autônomo é o indivíduo que pode formular leis e projetos para si próprio. Ao recorrer à etimologia, é possível refletir um sobre isso. Em grego, *auto* indica próprio e *nomos*, regra ou lei. Ser autônomo é indicar regras e leis para si mesmo, ou seja, ter o governo de si mesmo. Ao invés de cumprir determinações externas à própria vontade, a pessoa autônoma ou que desenvolve a autonomia, busca realizar o que deseja para si. Somente alguém livre e emancipado, pode realizar-se autonomamente.

A segunda vivência do ócio é a autodeterminação ou ter motivação intrínseca. Sentir prazer no que faz como um ato de escolha que brota da própria vontade, é uma das percepções de ócio. O ocioso é aquele que escolhe o que fazer em seu tempo livre, busca ter tempo livre porque tem prazer em realizar coisas que lhe satisfazem. Ter motivação intrínseca indica um gosto em viver e fazer coisas prazerosas. No anseio de sentir-se agrado, busca realizar atividades que levem a este fim. A busca pelo prazer hedonista, não é só uma sensação de gozo momentâneo, mas de realizar o que satisfaz, o que traz felicidade. Nestes termos que Aristóteles (2005, p. 229), na obra **Ética a Nicômaco**, no livro X, 1177b, afirmou que trabalhamos para ter ócio, que o trabalho é meio, é instrumento e não finalidade: “a felicidade depende do ócio, pois trabalhamos para poder ter momentos de ócio, da mesma forma que fazemos guerra para poder viver em paz.” Há ócio para favorecer a vivência da alegria.

Por fim, a finalidade do ócio é a autorrealização ou em termos filosóficos, o ócio é autotélico. Outra palavra que tem uma origem grega que indica a finalidade em si mesma, ou seja, atividades em que a recompensa é realizar a atividade e não num ganho futuro com ela. *Telos*, em grego, é finalidade e *auto*, próprio, como já fora anunciado. O objetivo de uma atividade autotélica é satisfazer a si mesmo pelas atividades realizadas. Para que o ócio seja autotélico é preciso escolher atividades que busquem a realização pessoal tendo em si mesmo o motivo e a finalidade da ação. É uma percepção de que as atividades escolhidas livremente e que nelas se busca o prazer em realizá-las, são para o próprio benefício e a finalidade de sua realização é a própria satisfação.



Não são as pressões e os compromissos externos a si que movem a ação, nem a finalidade é apresentada e indicada por outrem – senão seria heterotélica - e nem se busca resultado além da própria ação. A satisfação em realizar algo é o motivo de colocar-se em ação.

Um dos frutos do autotelismo é o autodesenvolvimento. Autodesenvolver-se é buscar atividades que sejam para o próprio benefício e que ajudem a viver mais e melhor. O exercício do ócio, entendido como autorrealização, implica em uma tomada de consciência sobre si mesmo e uma identificação do entorno e da própria realidade. É desinteressado economicamente. Assim, busca-se viver o ócio com criatividade, como uma expressão de si mesmo enquanto pessoa autônoma, livre e consciente do que deseja para si para alcançar o que vislumbra como felicidade. Ócio é um tempo e disposição para cultivar o corpo e o espírito a fim de levar a sério uma vida melhor e com maior qualidade.

Para conquistar a vivência de ócio é necessário ter consciência dos valores e habilidades a se desenvolver para poder conquistar o ócio. É uma conquista do uso do tempo a partir de valores vislumbrados e de um processo formativo que se põe em ação a fim de alcançar a vivência do ócio. Nesse sentido que urgiu uma pedagogia do ócio, visto que o ócio não é algo que se desenvolve por si, mas baseia-se em formação. É a “experiência humana, como fonte de saúde e qualidade de vida ou como direito e corresponde com uma proposta educativa na mesma linha.” (CUENCA CABEZA, 1995, p. 55)

A PEDAGOGIA DO ÓCIO

Na busca de apontar para a necessidade de uma formação para a conquista do ócio é que alguns teóricos, a partir dos anos 1960, especialmente na Espanha, como de Grazia, (**Tiempo, trabajo y ocio**, de 1966), Weber (**El problema del tiempo libre**, de 1969), Pedró i García (**Ocio y tiempo libre ¿para que?** de 1984), Puig e Trilla (**La pedagogia del ocio**, 1996) entre outros, centraram-se no problema da ampliação do tempo livre e da educação para a vivência deste e da elaboração de uma pedagogia para a conquista do ócio. Hoje, a maior expressão da Pedagogia do Ócio é o Instituto de Estudos do Ócio, da Universidade de Deusto, dirigido pelo prof. Manuel Cuenca



Cabeza, principal teórico da área com diversos livros lançados acerca da Pedagogia do Ócio desde 1995 (**Temas de Pedagogía del Ocio, Ocio y Formación**, de 1999 e **Pedagogia del Ocio: modelos y propuestas**, de 2004.).

A Pedagogia do Ócio funda-se nas preocupações de uma formação humana que eduque para além do trabalho como forma de realização da pessoa. Com as conquistas do estado de bem-estar social ante a voracidade do capitalismo, especialmente do capitalismo neoliberal, cresceram as demandas pela vivência do tempo livre, como o aumento da expectativa de vida, a regulamentação das horas de trabalho, retardamento da entrada no mundo do trabalho pelos jovens, além dos avanços da tecnologia que permitem ter mais tempo para o não-trabalho.

A estruturação do tempo livre, enquanto problema pedagógico, pode definir-se como a tarefa de educação do uso adequado do ócio, que em nossa época, devido a debilidade do sentido do trabalho, do ócio e da festa, se converteu em uma compensação desviada de tendência esquizofrênica. O afã da afirmação de si mesmo se manifesta em um consumo forçado. (HUBERT HENZ. Tratado de Pedagogia Sistemática, 1976 apud CUENCA CABEZA, 1995, p. 45-46).

A constatação da Pedagogia do Ócio é que a formação escolar centrou-se exclusivamente na formação para o trabalho, para capacitar as pessoas a viver o mundo do trabalho e não o tempo livre. A razão da Pedagogia do Ócio é formar as pessoas para que busquem viver o ócio como um valor humano e aprendam como vivê-lo. Tem por objetivo, possibilitar a vivência do ócio como uma tarefa formativa bem como fazer do ócio uma ocupação humana e digna, visto que há a necessidade de uma formação intelectual e estética para que o tempo se converta em ócio. A busca dessa pedagogia é a realização de um ócio formativo, reflexivo, cultural, criativo e de crescimento pessoal que tenha um caráter consciente, reflexivo, global, de melhoria, abertura e encontro.

O ócio, enquanto dimensão humana, requer um conhecimento e uma aproximação mais profunda, uma compreensão mais além das etiquetas dos hobbies, da qualidade de vida, das férias, o consumo e o simples gozar a vida. O ócio se torna desenvolvimento humano quando se tem clara a ideia do sentido e do valor, isso é o que justifica o aparecimento do



festivo, do criativo e da solidariedade. (CUENCA CABEZA, 1995, p.126).

Há dois eixos educativos da Pedagogia do Ócio: educação do ócio e educação para o ócio. A educação do ócio tem o propósito de ampliar a formação que não se limita a educação para o trabalho. A educação do ócio ajuda o formando perceber o valor educativo do ócio, ao reconhecer suas experiências de tempo livre como livres, prazerosas e de autodesenvolvimento.

Ao reconhecer as experiências de ócio como formativas, tanto quem educa como o educando, desenvolvem valores e atitudes. Também dota de conhecimentos e habilidades que permite sentir-se mais seguros e obter mais desfrute e satisfação da vida. É a formação de diferentes estilos de vida e implica a elaboração de um mundo de valores e de ampliação da capacidade de escolha. O valor a ser cultivado é o desenvolvimento de um novo humanismo que pensa o homem não só como um trabalhador, mas também em um ser de ócio.

As finalidades da educação para o ócio são estimular as pessoas para viverem o tempo do ócio de maneira enriquecedora e contribuir com o desenvolvimento integral ao desenvolver valores como a criatividade, a solidariedade e a tolerância, através da escolha da vivência do ócio. Implica um processo pessoal que estabelece um campo de valores, habilidades e conhecimentos para conquistar o ócio. É uma forma de “relacionar as experiências de ócio com os valores que sustentam nossa vida e nossa peculiar maneira de entender o que é viver”. (CUENCA CABEZA, 2008, p.162).

Também tem como finalidade educar para o uso organizado do tempo livre e o aproveitamento do mesmo, especialmente evitando os riscos de vivê-lo negativamente. O desejo de evitar os riscos do tempo livre está ligado tanto à falta de oportunidade de vivência deste tempo bem como ao uso do mesmo de forma negativa que, ao invés de promover o autodesenvolvimento, degrada a pessoa humana. São três riscos da vivência com pouca qualidade do tempo livre: o tédio, os vícios e a autodestruição.

O tédio refere-se à sensação da falta do que fazer no tempo livre por desconhecer estratégias de vivência dele. O tédio associa-se à sensação de tempo inutilizado ou perdido, de não perceber ricas oportunidades de viver o tempo livre. Esta sensação tem muito a ver com a realização humana ligada exclusivamente aos valores



do trabalho e da produção bem como as obrigações geradas pelos compromissos sociais. A pessoa humana percebe-se tendo pouca disposição para a liberdade do tempo do não-trabalho ao não valorizar as atividades lúdicas, criativas, de solidariedade e convivência e de contemplação.

O tédio leva ao risco de associar o tempo livre exclusivamente ao descanso, que serve para reestabelecer as energias e voltar ao trabalho, e ao entretenimento. O risco de viver o tempo livre como entretenimento é que este conduz ao consumo de atividades que servem somente para a distração e não à consciência de si e dos valores e princípios das atividades. Com o senso de tédio, resta à pessoa utilizar o tempo livre com mais trabalho ou com entretenimento, que distrai o tédio pelo deleite de atividades de maior consumo, resultando em continuação e até ampliação do tempo gasto com o ciclo do trabalho.

O segundo risco do ócio negativo são os vícios. Para que haja ócio, é necessária a vivência da liberdade, e o vício encerra a pessoa em uma atividade ou consumo e não promove sua condição de liberdade. A liberdade vivida no ócio é a da autodeterminação e na escolha em como dispor do tempo, experimentando as mais diversas atividades que promovam o autodesenvolvimento. O vício, neste sentido, é o oposto da liberdade, visto que, através de uma mania ou fixação, causa a dependência, mesmo que esta seja a primeira vista prazerosa. O vício é contrário à autotelia, pois o viciado não faz as atividades com a finalidade de autopromoção, mas sim pela sensação de gozo momentâneo que leva à deformação.

O vício mais comum das atividades ligadas ao entretenimento é o consumismo, que é prejudicial, de modo a perverter a finalidade do consumo que é o aproveitamento total dos itens adquiridos. Conduz ao uso inadequado dos bens e recursos.

O máximo do risco do vício são os usos de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas que degradam o ser humano, física e mentalmente, por uma busca incessante da sensação de prazer artificial e degradam as relações humanas, especialmente da segurança e confiança por produzir o amortecimento e até mesmo a falta de consciência.

Outro grande risco do uso inapropriado do tempo livre é a autodestruição, ligada especialmente à violência. Esta é sempre uma degradação do ser humano visto que mutila tanto psicologicamente quanto socialmente. Humanamente, a violência e a destruição resultam em medo e na diminuição da capacidade de autorrealização, dado



que é um ato contrário à liberdade, à vontade e à satisfação pessoal. Tanto vítima quanto autor são envoltos em opressão e afronta à liberdade. O uso do tempo livre para atos de destruição só causa a degradação, tanto psicológica quanto social, e não visa a busca da autorrealização e da felicidade, movimentos teleológicos da vivência do ócio.

A Pedagogia do Ócio forma para o emprego adequado do tempo livre, para que não se torne um ócio negativo e tem por objetivo ajudar os estudantes a conseguir uma desejável qualidade de vida através do ócio. Esta pedagogia parte da valorização das experiências de ócio para ensinar e aprender, como formas didáticas, ao promover estas experiências.

Uma questão se apresenta aqui quando se trata de experiência. Segundo Larrosa (2004, p. 116), a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou o que toca.” O cerne da experiência é a capacidade de recepção de um evento em nível sensorial pela pessoa que participa dele. Assim, de acordo com Larrosa, a experiência é um ato pessoal, intransferível, de parada no tempo para uma recepção acolhedora dos eventos e sentir-se parte deles, num processo de abertura a passividade, de poder receber com disponibilidade as sensações que surgem de um evento.

(...) o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.

O sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a o-posição (nossa maneira de opormos), nem a im-posição (nossa maneira de impormos), nem a pro-posição (nossa maneira de propormos), mas a exposição, nossa maneira de ex-pormos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (CUENCA CABEZA, 2008, p.123).

Ao ensinar a viver experiências de ócio, propõe uma formação em que a pessoa possa fazer a experiência do ócio positivo, ao abrir-se a novas formas de realização humanas. Ao valorizar as experiências de ócio, as pessoas abrem-se à novidade de poder aprender valores e atitudes que são próprias da dignidade humana no uso do



tempo livre e que este não seja preenchido somente com outros trabalhos, com o descanso ou meramente com a distração.

As formas pedagógicas da Pedagogia do Ócio, segundo Cuenca Cabeza (1995, p.17) apresentam-se como uma atuação que estimula o ócio, despertando interesses, oferecendo possibilidades, motivando de diversas maneiras; introduz diversas atividades de ócio como cursos, aprendizagem de comportamentos, informes das possibilidades valiosas do tempo livre, associação de conteúdos, etc.; facilita as diversas vivências de ócio com atividades e indicações que permitam o acesso a conteúdos abundantes de ócio como jogos, espetáculos, oficinas; proporciona informações e formações indicando bibliografia, eventos, acessos de qualquer gênero que ampliem o alcance às vivências do tempo livre; e adverte e busca proteger dos perigos do tempo livre.

Pelo estímulo da assunção dos valores do ócio, a Pedagogia do Ócio quer criar um ambiente formativo de liberdade e independência que opõe o utilitarismo ao bem-estar desinteressado e o aproveitamento do tempo e, busca o progressivo aumento do tempo para si mesmo.

A Pedagogia do Ócio cultiva o ócio autotélico vivido em cinco dimensões: lúdica, ambiental-ecológica, criativa, solidária e festiva. A dimensão lúdica aparece como a primeira vivência do ócio e identifica-se com o descanso e a diversão, contra o cansaço e a fadiga, contra a monotonia e o fastio para a regeneração das energias físicas e psíquicas, para o restabelecimento do equilíbrio. Aparece principalmente como mudança de ocupação. “Representa a saída do universo cotidiano, a evasão compensatória que permite reestabelecer o equilíbrio.” (idem, p. 63) O Jogo e a brincadeira são as expressões mais frequentes desta dimensão, visto que, ao jogar e brincar, a pessoa humana manifesta a alegria, a imaginação e a recreação, indo de encontro com as condições do controle, da dureza e seriedade do trabalho.

A dimensão ecológica-ambiental do ócio é vivida através das experiências de contato com a natureza, bem como os passeios ao entorno das cidades. É o encontro gratificante com o ambiente, tanto natural quanto edificado. A admiração da beleza natural e a imersão em alguns ambientes, especialmente ao ar livre, fazem com que a pessoa humana fique absorta, desenvolvendo a dimensão estética e contemplativa frente os ambientes. O envolvimento com atividades em ambientes distantes do cotidiano favorecem a saída da rotina do trabalho e o encontro consigo, mesmo pela admiração da



natureza bem como, independentemente das atividades, uma atitude de expectador consciente ao encontrar com a natureza.

A dimensão criativa do ócio é a dimensão do desenvolvimento pessoal em que as atividades realizadas tenham um cunho de autogratisação, pois são realizadas por própria vontade e buscam o autodesenvolvimento. É preencher o tempo livre com os aprendizados em vista da autoformação e ações gratificantes. É a dimensão mais próxima do ócio clássico, pois tem como características o “amor a sabedoria, a diversão nobre e uma abertura de ânimo que é inerente a toda criatividade. Seu sustento é a reflexão como procedimento para aprofundar no sentido das ações e dos conhecimentos.” (idem, p. 68) Em outras palavras, é um ócio formativo, reflexivo, cultural e de crescimento pessoal, e representa, de algum modo, a continuação das aspirações do ócio clássico, de modo que une autorrealização com aprendizagem e formação. Para que esta dimensão seja descoberta e incentivada, requer preparação e uma aprendizagem.

A dimensão solidária do ócio é a experiência do âmbito do encontro, da interação interpessoal, grupal e comunitária. A participação em grupos de afinidades e de encontros comunitários em que se vive a identidade grupal como associações, movimentos, universidades livres, colônias de férias, entre outros, aumenta o sentido da solidariedade e da busca do desenvolvimento comunitário. Também se encontram nesta dimensão as expressões de solidariedade, com o uso do tempo livre para favorecer o bem-estar de pessoas marginalizadas ou que passam por algum sofrimento, de modo abrandar os padecimentos e facilitar os gozos.

A última dimensão é a festiva, o ócio por excelência, pois o festejar requer um estado de ânimo, de livre consentimento e um espaço de liberdade plena. A celebração da festa é o ponto auge do ócio. Este se manifesta na revelação da festa, da capacidade de alegrar-se e contemplar a vida na sua inteireza e singeleza, e manifestar sua pessoa e, por conta disso, transgredir a função cotidiana do trabalho.

A Pedagogia do Ócio contempla e celebra a vida. Educa para que as pessoas sejam capazes de cessar as atividades do labor cotidiano para celebrar as próprias vidas. Desenvolve o caráter celebrativo, prazeroso, do convívio alegre que merece ser celebrado, pois é festa que faz da vida algo especial, propriamente humano. A festa permite encontrar-se com os outros em uma situação lúcida e livre, sem outros



interesses que não a comunicação e o prazer. Ela é criadora de emoções, lembranças e percepções de vida.

Vistas essas dimensões da educação do ócio e para o ócio, aponto para a necessidade de uma formação para as experiências de ócio de modo que elas tenham sentido para a vida humana, como forma de autorrealização e de sentido da vida. A percepção do ócio como uma vivência de importância, depende de um processo educativo que escolha o ócio como um valor e uma atitude a se tomar.

Urge a promoção da educação para o ócio, através da facilitação de experiências e de reflexão do sentido dessas experiências. “Ócio e educação são termos inter-relacionados, porque toda prática de ócio conduz implicitamente algumas aprendizagens e umas atitudes que tem muito a ver com educação” (idem, p. 125) Para haver ócio, é preciso que ele seja cultivado através de um processo educativo em vista da formação para o valor do ócio.

O ócio, enquanto dimensão humana requer um conhecimento e uma aproximação mais profunda, uma compreensão mais além das etiquetas dos hobbies, da qualidade de vida, das férias, o consumo e o simples gozar a vida. O ócio se torna desenvolvimento humano quando se tem clara a ideia do sentido e do valor, isso é o que justifica o aparecimento do festivo, do criativo e da solidariedade. (idem, p. 126).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões apresentadas para a produção desta reflexão foram como o ócio e a Pedagogia do Ócio podem contribuir para a formação humana que se desenvolve na escola e, no mesmo sentido, como a formação escolar pode contribuir para a vivência do ócio. A partir do modo de reflexão da filosofia, acredito que a contribuição descortinada deu-se através da apresentação dos parâmetros formativos da pedagogia apresentada.

Aponto para três atitudes que a Pedagogia do Ócio deseja contribuir com a formação humana através da educação: a formação de uma identidade humana que não seja somente a do trabalhador; da autorrealização como busca e não somente a preparação para o mundo do trabalho; e a visualização de um sentido da existência humana pela autodeterminação, o prazer e a liberdade. Formação e ócio podem ser



associados desde que haja um processo formativo que valorize a importância do ócio como relevante para a vida humana. Ócio e formação serão associados, dependo dos valores humanos e sociais a serem conhecidos, assumidos e desenvolvidos também na escola. Não é um aprendizado espontâneo e sim, consciente e sistematizado.

O conhecimento e a assunção dos parâmetros formativos da Pedagogia do Ócio clamam por uma projeção do ser humano que se identifica como um ser que tanto trabalha, mas que também brinca, que tem prazer, que se relaciona e que se desenvolve desinteressadamente. Que o *telos* humano aponta tanto para a produção bem como o desfrute do prazer e do gozo que acontecem através das mais variadas vivências e não só com os resultados obtidos. Ter ócio não é somente parar de trabalhar, mas escolher fazer coisas em que o prazer e a própria vontade estejam em primeiro lugar.

Que o autodesenvolvimento não é fruto somente de um trabalho árduo, mas também, de uma gama de experiências vividas na liberdade e na contemplação, no desenvolvimento da sabedoria que é desenvolvida também através da admiração e absorção de vivências. O enriquecimento humano se dá também através das variadas experiências tanto intelectuais quanto emocionais, e são extrema importância.

Que há tanto valor na produção, enquanto resultados a se produzir, quanto da fruição para pensar, na recreação para divertir, na criação para inovar, na arte para sensibilizar, na contemplação para pensar, admirar e refletir, e especialmente no gozo para viver. A Pedagogia do Ócio alertar-nos da necessidade de pensar várias dimensões humanas e oferece-nos a possibilidade para realizarmo-nos, recrearmos e projetarmos através da conquista do tempo do ócio.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

CUENCA CABEZA, Manuel. **Temas de Pedagogía del Ocio**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1995.

CUENCA CABEZA, Manuel. Ócio Humanista. In: CUENCA CABEZA, Manuel; MARTINS, José Clerton de Oliveira. (Orgs). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As musas, 2008.



_____. Educação para o ócio. In: CUENCA CABEZA, Manuel; MARTINS, José Clerton de Oliveira. (Orgs). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As musas, 2008.

DE GRAZIA, Sebastian. Tiempo, trabajo y ócio. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In GERALDI, Maria Grisolia; RIOLFI, Claudia Rosa e GARCIA, Maria de Fátima. (Orgs). **Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

PONCE, Branca Jurema. **O tempo na construção da docência**. 1997. Tese (Doutorado em Educação: Supervisão e Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

PEDRÓ I GARCÍA, Francesc. **Ocio y tiempo libre ¿para que?** Barcelona, Espanha: Editorial Humanital, 1984.

PUIG, Josep M.; TRILLA, Jaume. **A pedagogia do ócio**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e Competência**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2004 (Questões da nossa época, 16).

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 2002.

SEGURA MUNGUÍA, Santiago; CUENCA CABEZA, Manuel. **El ocio en la Grecia clásica**. Bilbao, Espanha: Universidad de Deusto, 2007.

WEBER, Erich. **El problema del tiempo libre: Estudio Antropológico y Pedagógico**. Madrid, Espanha: Editorial Nacional, 1969.

WOGEL, Livio dos Santos. **Ócio do Ofício: contribuições da pedagogia do ócio para a formação de professores**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.